ANO 10.º — Sexta-feira, 22 de Junho de 1917 — (AVENÇA) — Numero 478

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

OLIVENÇA, terra irredenta

Como a França, que propugna pela reconquista das provincias perdidas na guerra de 1870 71; como a Itália, que pretende englobar no seu património nacional as regiões habitadas por populações de sangue italiano; como a própria Espanha, que sonha com a reaquisição de Gibraltar—assim Portugal deve esforçar-se por recuperar os territorios perdidos na curta, mas desastrosa guerra de 1801.

A ocasião é excepcionalmente favoravel para curar essa dolorosa mutilação, que ainda sangra, e cumpre não a desaproveitar.

A nossa irmã ibérica, a Espanha, manifesta-se empenhada em estabelecer com Portugal uma maior intimidade de relações. Nada temos que objectar contra êsse propósito, que poderá ser desinteressado e que parece sincéro, desde que—e isso é essencial, imprescindivel—continuem absolutamente salvaguardados a nossa independência e os nossos interesses económicos.

Sejâmos, nós e a Espanha, como dois irmãos que muito se estimam, mas com casa á parte. Auxiliemo-nos, coadjuvemo-nos, mas respeitemo-nos. Tal deve ser o ideal que nos guie.

Contra esse ideal levantam-se, porêm, diversos obstáculos, que, para que seja possivel realisá-lo, importa remover.

Um dêles, e o mais poderoso, consiste nas arreigadas aspirações da Espanha á unidade politica peninsular. Essa aspiração constituiu sempre e constitue ainda o sonho mais querido de todo o bom espanhol.

No entanto, para que se possa estabelecer entre as duas nações ibéricas uma leal, sincéra e cardial inteligência, é indispensavel que semilhante sonho seja definitivamente pôsto de parte. E isto sob todas as suas fórmas: quer sob a sua expressão franca, clara, de monarquia, ou de republica ibéricas unitárias, quer sob o tenue disfarce de qualquer fórmula federativa. Amigos, amigos, mas negócios e, sobretudo, independência á parte—tal deve ser o lema fundamental de qualquer entendimento.

Outro desses obstaculos vem a ser a continuação da cidade de Olivença e seu território em poder da Espanha.

Esta questão de Olivença data do periodo revolto das guerras napoleónicas, que, pondo toda a Europa a ferro e fogo, tanta semilhança, sob diversos aspectos, oferece com os dias que vão correndo.

Para algum leitor que, por menos lido em História, acaso a ignore, vamos aqui expôr a origem dessa amputação do território nacional, representativa duma enorme injustiça.

De preferência a parafrasearmos historiadores nacionaes, que minuciosamente relatam o caso, vamos transcrever a clara sintese que dele faz o erudito escritor sr. Fidelino de Figueiredo, no seu opusculo intitulado *Portugal nas guerras europeias.*

Previamente, porêm, integremos, em duas palavras, a questão no quadro geral dos acontecimentos da época.

Portugal, envolvido, a seu pesar, no ciclone guerreiro da ultima década do século XVIII e dos três primeiros lustros do século XIX, comparticipára nas lutas armadas da Europa contra a primeira republica e o primeiro imperio franceses, enviando, em 1793, uma divisão auxiliar, perto de 6:000 homens, á Espanha, onde cooperou, ao lado do exercito castelhano, na campanha do Roussilhão, e, em 1798, uma esquadra de oito velas, comandada pelo marquês de Niza, ao Mediterrâneo, onde, sob a direcção suprema de Nelson, tomou parte activa nas operações navaes de que aquele mar foi então teatro.

A França e a Espanha, concluida, com pouco brilho para esta, a campanha do Roussilhão, pactuaram, em 1795, pelo convénio de Bazileia, a paz, da qual Portugal, que ao lado da ultima se batera, ficou excluido. No ano seguinte, a 19 de agosto, ajustaram aquelas duas potências um tratado de aliança. E, desde então, começou a ser por elas meditado e estudado o projecto de uma invasão de Portugal, cuja aliança com a Inglaterra o fazia detestado do govêrno francês.

A nossa entrada na segunda coligação europeia contra a França e o envio da esquadra do marquês de Niza ao Mediterrâneo, levando ao auge a irritação da França, precipitaram o desfecho dêste projecto.

Pôsto isto, ouçâmos agora o snr. Fidelino de Figueiredo:

A invasão de Portugal apenas tardou o tempo gasto pelas combinações entre as duas aliadas, de aquem e de além Pireneus, e pela espectativa do momento oportuno. A Espanha foi fazendo a sua mobilisação de tropas e a sua concentração junto das praças fronteiriças, sem dar quaesquer justificações ao plenipotenciario português. Em 2 de maio de 1801, a Espanha declarava guerra a Portugal.

Absolutamente desprevenidos, por falta de recursos e tambem por imperdoavel imprevisão, tivemos que fazer face a essa invasão cuidadosamente premeditada e em que havia o eficaz concurso da França, só com irregulares tropas apressadamente recrutadas e com a divisão auxiliar ingleza, que desde 21 de junho de 1797 se achava em Lisboa. Essa divisão, a custo obtido, fôra solicitada quando as negociações com o Directorio deixaram criar receios de nova guerra. Era a principio de 6:000 homens, e ficou reduzida desde dezembro de 1800, em que se retiraram dois regimentos, a 4:665 homens.

A breve campanha de 1801 foi dirigida, no govêrno, por Luiz Pinto de Souza, e no campo, pelo 2.º duque de Lafões, ancião de 82 anos, o erudito fundador da Academia Real das Ciencias, de Lisboa, com Correia da Serra, e seu primeiro presidente perpêtuo. Apesar de em tão avançada idade ser bruscamente arrancado do seu gabinete de erudito, o marechal-general duque de Lafões, que noutros tempos militára distintamente em exercitos estrangeiros, ainda concebeu um plano sistemático de defeza do pais, que ocorria ás suas mais urgentes necessidades e que tem merecido dos historiadores militares encarecimento. Mas era tarde para se executar qualquer grande plano, porque tudo estava por fazer.

A guerra começou, de facto, em 20 de maio pelo ataque do marquês de Castelar, com 4:000 homens, a Olivença, cujo comandante, o marechal Chermont, logo se rendeu, e pelo ataque de D. João Carafa a Juromenha, cujo comandante logo a entregou tambem. Elvas e Campo Maior, cercadas, resistiram tenazmente. A resposta do comandante da praça de Elvas, D. Francisco Xavier de Noronha, em tom do maximo lealismo patrio e maior brio militar, á ordem de capitulação, fez crêr a Godoy, o famoso Principe da Paz, que em pessoa dirigia a campanha, que seria incertissima empreza esse assédio.

Campo Maior, no mesmo dia cercado por uma divisão de 6:000 homens, resistiu com a guarnição de cêrca de 1:500 homens, comandados por Matias Azevedo, até 6 de junho, data em que obteve uma capitulação honrosa. Esta resistencia foi o mais nobre episodio desta campanha, por mais dum titulo de cruel memoria para nós, por nos recordar uma perfidia da Espanha, e por nela havermos experimentado revezes duramente humilhantes, como o combate de Arronches, a acção de Flôr da Rosa, as pesadas contribuições exigidas pelos espanhoes nas terras ocupadas, 60:000 cruzados em Portalegre e 40:000 em Alter do Chão. No norte, onde operavam tropas auxiliares, não tiveram tão faceis progressos e foi mais decidida a resistencia de Gomes Freire de Andrade e Francisco da Silveira.

Em junho de 1801, em Badajoz, Luiz Pinto de Souza obtinha a paz, sem compensação alguma, apenas a natural evacuação do territorio português, e com perda da praça de Olivença.

Assim perdemos Olivença...

Como vimos, essa perda foi uma consequencia do apoio dado por Portugal á coligação europeia, que, em prolongada e titânica luta, combateu a primeira republica francêsa e o cesarismo napoleónico.

Alêm dessa mutilação territorial, tivémos, ainda, que suportar os vexames, assolações e morticínios de três invasões francêsas e os encargos e sacrificios, em vidas e em dinheiro, da larga comparticipação que tomámos na Guerra Peninsular.

Pois bem. Uma vez derrubado o gigante corso, uma vez reunidas, nos anos de 1814 e 1815, em Viena de Austria, num dos mais memoraveis congressos que o mundo tem presenciado, as nações europeias, Portugal viu-se relegado para uma subalternidade humilhante, sendo os seus sacrificios, interesses e reclamações menospresados quasi por completo.

E, incidentemente, lembraremos que, nesta hora que atravessâmos, sob tantos aspectos bem semilhante aos dias sombrios do começo do século XIX, cumpre que não sejam esquecidos estes exemplos, que a História regista...

Pelas decisões do congresso de Viena, ao passo que fômos obrigados a restituir á França a Guiana, que as nossas tropas haviam conquistado em 1809; ao passo que, dos 700 milhões de francos, pagos como indemnisação pela França, apenas nos couberam 2 milhões, deliberou-se que Olivença continuasse permanecendo em poder da Espanha, tendo sómente, e a custo, os plenipotenciários portuguêses alcançado o compromisso de que os membros do congresso se interessariam junto da Espanha, a fim de que esta nos devolvesse aquela cidade.

Tal compromisso foi, aliás, logo esquecido e, contra a mais elementar justiça, e ao mesmo tempo que nos impunham a restituição da Guiana á França, continuou Portugal, até hoje, privado duma cidade e de territórios cuja perda derivou, sobretudo, da sua formal adesão á coligação que venceu o imperialismo napoleónico.

Agora, que a Espanha pretende estabelecer comnosco laços de mais intima e cordial amizade, afigura-se-nos oportuno o ensejo para reavivar esta questão, que, sendo de tanto interesse para Portugal, tem permanecido relegada para um imerecido silencio.

Olivença foi portuguêsa durante longos anos. A sua perda, além de constituir uma flagrante injustiça, é uma ferida profundamente dolorosa para o nosso legitimo pundonor nacional. A Espanha, restituindo-no-la, dar-nos-ia segura garantia da sinceridade do espirito de confraternidade que a anima nos seus propositos a nosso respeito.

Que na futura conferência de paz geral, onde devem ser versadas diversas questões de remodelações de fronteiras, o caso da nossa *terra irredenta* seja tratado, pois nos parece ter lá pleno cabimento.

No "front,,

—=(*)=—

As tropas portuguêsas entram em acção

Os jornais francêses e inglêses registaram a primeira mensão oficial do contingente português no comunicado britanico e, saudando as tropas do comando do general Tamagnini, assinalam o exito alcançado já no sector da linha de combate, onde estão operando.

Ao mesmo tempo noticias recebidas no ministério da guerra confirmam que realmente se encontram na linha de fogo uma brigada, varias baterias de linha e alguns batalhões de infanteria. Outras brigadas acham-se em instrução.

Nos ultimos dias uns poucos de *raids* foram feitos apoz intenso bombardeamento, sendo todos repelidos.

O general Tamagnini de Abreu e Silva comunicou que o moral das tropas é excelente. As perdas totaes são, até á data dessas noticias, as seguintes: 34 mortos, incluindo dois oficiaes: o alferes Manuel Domingues e o tenente Mario Teles Grilo; feridos 185, incluindo um oficial, e 15 soldados desaparecidos.

Esta percentagem é diminuta em relação á demorada permanencia nas trincheiras, aos efectivos empenhados em repelir o inimigo e á violencia dos *raids*, observam as instancias oficiaes.

MANIAS

—=(*)=—

O *orgão do P. R. P. em Aveiro* quer á fina força convencer-nos de que o sr. Ministro da Instrução é um talento priviligiado. Não o consegue. Ainda mesmo que todos os jornais do país aparecessem a dizer que sim, nós não teriamos relutancia alguma em afirmar inteiramente o contrario, tão acostumados andamos a respeitar a verdade.

O que está á vista sempre ouvimos dizer que dispensa candeia... Quer mais alguma coisa ou que sejâmos mais francos?

Dêem-lhe as voltas que quizerem e a graxa que entenderem. A verdade é uma só.

EXCURSÃO A AVEIRO

Promovida pela Associação Recreativa do Porto, deve realisar-se no dia 9 de julho uma excursão a esta cidade, organisada por uma comissão da qual fazem parte os srs. Julio Vidal e Raul Chaves.

Vâmos colher elementos para mais desenvolvidamente a ela nos referirmos.

DR. EDUARDO MOURA

—=*=—

Faleceu ao caír da tarde de quarta-feira, na sua casa de Ilhavo, onde se havia acolhido, o velho republicano e nosso presadissimo amigo, dr. Eduardo Moura, medico municipalista de Eixo e um dos mais lidimos caracteres que temos conhecido.

Assistimos-lhe aos ultimos momentos, fômos ontem ainda acompanhá-lo á derradeira morada, dizer-lhe o adeus da despedida, a que não podiamos faltar, e a essa circunstancia se deve atribuir a causa de não dedicarmos hoje ao saudoso extinto mais do que as simples e desataviadas palavras de uma ligeira noticia. E' que a morte de Eduardo Moura abalou-nos profundamente e não é facil, num estado de espirito como aquele em que nos encontrâmos, escrever sobre a vida dum cidadão honesto, probo e trabalhador, dum amigo dedicado, dum companheiro leal e firme, algo que sintetise a nobrêsa dessa alma que desaparece ungida pelas lagrimas de todos quantos souberam avaliar-lhe a elevação dos seus sentimentos, a bondade, a ternura, o afecto, enfim.

Fa-lo-êmos para a semana. Mas no entretanto receba a familia do malogrado amigo a intima expressão das nossas condolencias, na hora dolorosa em que o corpo hirto, inanimado de Eduardo Moura vai desaparecer para sempre de sobre a terra onde espalhou tanto bem, com rara abnegação e correspondente generosidade.

DECEPÇÃO

—=(*)=—

Afinal o artigo do *velho republicano* que escolheu o *orgão dos taberneiros*—ele sabe porquê—*para prestar justa homenagem ao filho de Aveiro e pôr em destaque a sua alta influencia politica neste distrito*, não é mais do que uma carta onde se fazem repetidas insinuações a coisas e a pessoas, citando-se até um *grupelho anonimo ou sem nome, sem influencia moral ou politica* para dar a impressão de que *isto* se transformou em feudo de uma casta, de um régulo.

Nesta altura fomos procurar ao fundo de tão insipido quanto estrambotico arrazoado o nome do *velho republicano* para o conhecermos. Não assina. Apenas duas iniciaes C. S., que tanto pódem querer dizer *coração sagrado* como outra coisa...

Está certo. Para vingança do *grupelho anonimo* que tantos engulhos causa ao mentor do *orgão dos taberneiros* e outros do mesmo estofo, não é preciso mais.

Serviço militar

—=(*)=—

Anda acêso o negocio dos livramentos

Sobre a nossa modesta meza de trabalho, pousam várias cartas, algumas desta cidade, outras dos concelhos do distrito, dando-nos o sinal de alarme para o que se passa, na rendosa exploração dos papalvos e dos ignorantes, com a velha historia do *conto do vigario* referente ao livramento de mancebos do serviço militar.

Tal sistema e correlativos processos de exploração, teve, como todos se devem recordar, bom mestre e não menos habil cultivador intra muros desta terra, a *cidade de Manuel Firmino*, segundo o *Jornal de Albergaria*. Não é, pois, de estranhar que a escola se tenha propalado e de aí a desvergonha da sucia, que, aqui mesmo, em Aveiro, se aponta a dêdo sem que da parte das autoridades republicanas haja quem se proponha acabar com semelhante negocio de explorar o proximo.

Noutros concelhos, especialmente para o sul, o desaforo é inexcedivel, dizem-nos, e os papalvos, cujo numero é infinito, lá vão caindo na rêde, esportulando-se com importantes quantias para que os livrem do serviço militar, nas inspecções, ou de ir para França, se é que a mobilisação os atingiu.

Escusado será dizer que as juntas medicas são alheias a todos os *trucs* e vários lances de efeito aparentemente ilusorios que as sociedades do *conto do vigario* empregam com o intuito exclusivo de aparentar influencia ás vitimas de tamanha malandrice.

Já o *mestre*—o *afamado mestre* assim procedia, com a vantagem de, pela sua categoria, ter a facilidade de se chegar junto dos medicos que constituiam as juntas para dar a impressão aos *interessados* de que, de facto, a recomendação estava feita e a promessa conseguida.

E' bem claro que os discipulos de hoje não poderão fazer o mesmo; mas outros expedientes devem tomar, por certo, para que a sugestão do imbecil seja completa e o direito ao valor do serviço indiscutivel.

Pois bem: torna-se absolutamente indispensavel, visto que impossivel é avisar todos quantos se deixam embalar pelo canto das falsas sereias, torna-se absolutamente indispensavel, diziamos, que a autoridade competente trate de indagar o que sobre este assunto se está passando não só em Aveiro, como tambem por outras partes onde de egual fórma existem *melros*, de maneira a punir rigorosamente esses abusos, esses crimes, restos de maior quantia do regimen deposto.

E' absolutamente indispensavel, repetimos, acabar de vez com tão ignobeis processos que representam a mais baixa e indigna compreensão de aquilo que todos devem á Patria e á Lei, nomeadamente nesta hora de amargurado sacrificio imposto ao povo pela grande guerra que nos atingiu em pleno coração e da qual é necessario saír de cabeça erguida e com a altivez propria da raça lusitana.

Acabe-se duma vez com este espectaculo vergonhoso e degradante!

E se ha quem não receie sujar-se na pratica de actos de tão baixa classificação, mostre-se que a Republica os não consente, aplicando a esses um castigo severo.

"O Democrata,, aos seus assinantes

—(*)—

De todas as crises por que este semanario tem passado, crises motivadas pela acintosa perseguição de que tem sido alvo durante a sua existencia, temos a franquêsa de confessar que ainda nenhuma o afectou tanto como a da época presente. Causa: o preço elevadissimo do papel, que, em constantes e vertiginosas subidas, estamos a pagar quasi pelo quadruplo que nos custava, de qualidade superior, antes da guerra, com a agravante de o termos de satisfazer á vista ou num curtissimo praso concedido pelos fornecedores menos exigentes alguma coisa. Ora uma situação destas é extremamente penosa para quem, como nós, não dispõe de capitaes e em tal conformidade resolvemos apelar para os nossos assinantes, solicitando-lhes apenas o pagamento adiantado do jornal, unica fórma de atenuarmos, sem sobrecarrego para ninguem, as dificuldades do momento atual, esbatendo os apuros em que nos vimos com a industria papeleira.

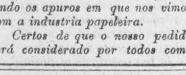
Certos de que o nosso pedido será considerado por todos como dos mais justos atentas as circunstancias que o determinam, desde já agradecemos o bom acolhimento dos recibos quando lhes forem apresentados, inclusivé áqueles, poucos, assinantes que se acham em atrazo e que agora muito nos penhorariam pondo em dia as suas contas.

Aproveitando o ensejo, rogamos tambem aos bons amigos que na **Africa, Brazil, China, Macáu, Congo, Buenos-Aires, Japão, India, California, Açôres** *e, enfim, em todas as terras de alêm-mar onde recebem o* Democrata, *a finêsa de mandarem saldar os seus recibos como melhor entenderem, fineza que desde já agradecemos e tomâmos na devida consideração.*

* * *

Aos muitos daqueles, que, depois de publicado pela primeira vez este nosso apêlo, se nos dirigiram expontaneamente a satisfazer as suas assinaturas, aqui lhes testemunhamos a intima expressão de quanto isso nos penhorou, ficando a todos devéras reconhecidos.

Edificante

—=(*)=—

Foi na sexta-feira e em sessão conjunta das duas casas do parlamento.

O *sr. Catanho de Menezes* — Proponho que o Congresso delibere:

Que o Senado e a Câmara dos Deputados nomeiem: aquele uma comissão de seis membros e esta uma de nove para examinarem as contas da guerra, sendo apresentado ás duas câmaras o resultado dos seus trabalhos.

O *sr. Costa Junior* — Pretendo saber quaes os poderes que terá essa comissão. Como ela vai examinar despezas da guerra, entendo que esse inquerito dêve tambem ser feito aos estabelecimentos militares e entre eles á Manutenção pois de ha muito corre que ali se teem praticado verdadeiras irregularidades de toda a ordem.

Ele mesmo, orador, foi procurado por uma comissão de individuos, que lhe merecem toda a consideração, para lhe comunicar que haviam aprovado uma moção, numa reunião que tivéram, na qual se pedé que tudo se esclareça. Considera se, portanto, o porta-voz dos seus desejos, que acha muito justos.

Assim, vai citar alguns factos demonstrativos da pessima administração que existe naquele estabelecimento do Estado, atentatorios da moralidade.

Consta que, quando duma das expedições á Africa, aquela em que foi comandante o general Pereira d'Eça, foram lançados ao mar por estarem deteriorados ranchos em conserva no valor de 12 contos.

A direcção da Manutenção, para se desculpar, disse que a causa da deterioração se deveu ao facto de terem tido as conservas muito tempo retidas numa praia, mas o referido oficial, num telegrama que o orador lê á Câmara, contesta isso, pois conservas identicas, fornecidas pela industria particular, estiveram nas mesmas condições e não se alteraram.

Mais tarde, quando da mobilisação da primeira divisão militar, deu-se caso identico, sendo inutilisadas conservas de carne no valôr de 34 contos.

Quanto á compra de carneiros e porcos nem se fala. Só sabe que foram adquiridos por um preço elevadissimo, sendo encarregado dessas compras um individuo que no tempo da monarquia fôra dali expulso por desonestidades. Esse individuo é parente do director da Manutenção.

Mas ha mais ainda, diz o orador: barricas e barricas de chouriços tem sido regeitadas pelo motivo simples de estarem as carnes pôdres o que determinou serem muitas delas lançadas ao mar. As verbas cujo excedente deviam reverter a favor do Estado foram lançadas em lucros da Manutenção, servindo para a compra de bilhares e outros melhoramentos destinados a recreio dos oficiaes.

E o que se deu com a compra duma porção de palha em concurso? Basta narrar que, sendo regeitada, por estar pôdre, o mesmo oficial a adquiriu e pagou apezar de tudo!

Alêm dos factos apontados, continua o deputado Costa Junior, a convivencia do director com as operarias, sob o aspecto moral, deixa muito a desejar.

Para honra e brio da Republica urge que se faça uma sindicancia aos actos desse director e administrador! Tem em seu poder uma lista de pessoas que estão dispostas a depôr no inquerito. Que esses individuos sejam ouvidos e que se esclareçam e que se averiguem as suas declarações.

Um espectador das galerias — Apoiado!

Foi o rastilho duma grande manifestação, que toma vulto, ao orador.

A presidencia agita a campainha.

Vozes — Não querem sindicancias! Não querem sindicancias!

Os continuos procuram fazer evacuar as galerias. Ha bancos no ar, ameaças á Câmaaa e ao pessoal que se esforça por restabelecer a ordem.

— *E' preciso que se restabeleça a moralidade* — ouve-se, por fim, ainda no meio do tumulto da evacuação das galerias.

Uff! Que até nos falta o ar. Isto é, positivamente, um país a saque. E foi no que deu esta Republica. Esta Republica do sr. Afonso Costa, chefe dum partido, que devendo ser a pedra de toque das instituições, como nós o supuzémos, está transformado numa coelheira de *homens politicos, politicos republicanos* e *republicanos democraticos* que só servem para nos oferecer o triste espectaculo observado em todos os ramos da administração publica desde a mais insignificante regedoría aos altos poderes do Estado onde medram os tubarões e se definem os verdadeiros caractéres empenhados em dar com tudo isto em pantana.

Mas... cala-te bôca, que a censura espreita...

Grupo scenico TRICANAS e GALITOS

que representou na noite de 26 de maio em beneficio dos soldados de infanteria 24 que regressem mutilados dos campos de batalha, onde se batem pela Liberdade e pela Civilisação

No primeiro plano: Augusta Freire e Aurelio Costa. 2.º — Da esquerda para a direita: as gentis tricaninhas Joana Sarabando, Emilia Sergio, Natalina Picado, Célia Maia, Victoria Henriques, Julia Graça, Adelaide Carapina, Aurora Carapina, Luz Moreira, Rosa Matos, Eva da Silva e Celeste Picado. 3.º — Augusto Guimarães, José da Costa Monteiro, Abel Costa, José da Pinho, Manuel Firminó Ferreira, Antonio Lé, Pompeu Alvarenga, presidente da Direcção do *Club*, Crisanta Taboeira e Manuel Maria Moreira. 4.º — Pompeu Melo, Licinio Pinto, Jeremias Moreira, José Gamelas, José Marques, Leonel da Silva, Francisco Moraes, Manuel Henriques, Mario Teles, Manuel Sarabando, Firmino Costa e João Moraes.

Subsistencias

Não nos consta que até agora tenham sido adoptadas medidas tendentes a coíbir alguns dos muitos abusos que aqui vimos apontando como causa principal da carestia e carencia de quanto mais necessario se torna á vida e á alimentação publica, quasi desde o principio da guerra em cheque por falta de quem se interesse a valer pela solução do gráve problema.

Independentemente das posturas em vigor, nós entendemos, entende toda a gente, que a Câmara Municipal, a autoridade administrativa — o proprio governador civil — em face das circunstancias alarmantes actuaes póde e deve fazer tudo para que se não prolongue uma situação sob todos os pontos de vista inadmissivel e condenavel, evitando assim que dum instante para outro surjam justas represalias, protestos violentos, com todo o seu cortejo de desastrosas consequencias.

Agora não é só o açambarcamento de quanto peixe aparece no respectivo mercado, para ser remetido para os hoteis da Curía, Luso e Bussaco, ficando a população da cidade inhibida de poder conseguir a mais pequena quantidade, a não ser por um preço exorbitante, como tambem se iniciou o açambarcamento, com a mesma aplicação e o mesmo proveito para quem o faz, da hortaliça que aparece na praça!

Deixam, alem da pequenissima porção, que para nada chega e que logo, pela sua deficiencia, atinge elevado preço, o rebotalho, o que ha de mais ordinario e de menos variado.

Não póde ser! Não deve ser!

Em toda a parte está estabelecida a hora, para, depois da qual, compras desta ordem e com esta aplicação se fazerem, evitando-se dessa maneira que a população da localidade fique por abastecer. Aqui tudo se consente, tudo se permite num abandono, num desleixo, numa indiferença que chega a revoltar.

Ha dias, um estranho qualquer apareceu aí, comprou quantos ovos quiz, encheu tres caixotes grandes e... foi-se embora. Resultado: no dia seguinte os poucos que á venda se encontravam expostos custarem uns seis ou dez centávos mais, cada duzia.

Supômos, sem receio de errar, que chegou a ocasião de serem tomadas providencias energicas. Exige-o o interesse do publico e a segurança dos proprios negociantes. Avisâmos. De ha muito que cumprimos esse dever. Depois, se a corda rebentar, não se queixem...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Tambem?!

«A politica portuguêsa está um verdadeiro pantano.

Convicções não há, porque sendo elas como a virgindade, disse-o Pi y Margall, desde que uma vez se percam não voltam mais a recobrar-se; e não ha convicções porque quem da monarquia tem ingressado na Republica, não vem para a servir, mas para se governar.»

Que bem que fala um dos colaboradores do *orgão do P. R. P. em Aveiro!*

Nem parece correligionario do sr. Barbosa de Magalhães e da *troupe* que o cerca tão certeira pontaria lhe faz...

* * *

Mas o mesmissimo colaborador, acrescenta:

Assim diremos como Raimundo Lulio, «de chaga de animal nem de pustula de leproso, nem de agua de sentina sái tanta pestilencia como da alma de um politico de furta-côres, porque fedor de leproso ou de agua de sentina não comprehende todos os miasmas, enquanto que de um *vira casacas* sáem todas as perversidades para poderem subir por cima dos que o aplaudam, vitoriam e levam ao Capitolio, para que uma vez aí os cumprimente com os braços em cruz, como o nosso veneravel irmão S. Francisco das Chagas costumava fazer aos que o encalistavam!»

....

Anda-me aí, coléguinha! Sangra-me esse *Bichêsa*, sangra-me esse *Flautas*, põe a calva á mostra a esses purrios. E se as comissões derem licença, o ex-juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira canonisa-o, que é um simbolo!...

TEATRO AVEIRENSE

Agradaram completamente os dois espectaculos de 16 e 17 com que nos mimoseou a companhia da distinta actriz Adelina Abranches, em *tournée* pela provincia, recebendo, sobretudo na segunda noite, fartos e prolungados aplausos apoz a representação da hilariante comedia *O gaiato de Lisboa*, cujo principal papel Adelina desempenha com a superioridade propria dos grandes artistas.

Casas cheias.

* * *

Para hoje, ámanhã e domingo anunciam-se mais tres récitas por assinatura sendo as peças escolhidas respectivamente intituladas — *Filho perdido, Amor de perdição* e *Coimbra, terra de amores*. Artistas do *Teatro Nacional de Lisboa* sob a direcção do aplaudido actor Carlos Santos, já conhecido tambem da nossa plateia pelos seus reconhecidos merecimentos.

* * *

Finalmente para o dia 2 de julho teremos um unico espectaculo pela companhia do Teatro Republica, de que faz parte o eminente actor Ferreira da Silva.

Representar-se-á *O Fado*, peça de costumes, em 1 acto, original de Bento Mantua e *O Pae*, cujo trabalho assombroso de Ferreira da Silva lhe tem valido a consagração de todas as plateias por onde tem passado.

Para esta récita continuam a marcar-se bilhetes na *Casa da Costeira*, até ao dia 26 e depois dessa data na *Tabacaria Havaneza*, aos Arcos.

PRÓ-OLIVENÇA

No Porto creou-se ultimamente uma nova associação patriotica por iniciativa do nosso coléga da *Montanha*, Corregedor da Fonseca, cujo objectivo é a revindicação da cidade de Olivença, com seu termo, que ha 116 anos nos foi violentamente usurpada pela Espanha, na posse de cujo país se conserva ainda contra a justiça, contra os mais rudimentares principios do direito internacional, contra a palavra expressa do marechal inglez Wellington, em nome da sua patria, e contra a opinião, nitidamente expressa tambem, da conferencia das grandes potencias europeias, realisada em 1815 na cidade de Viena de Austria.

A ideia tem sido belamente acolhida, contando já grande numero de adesões.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

PATACOS FALSOS

Não tardaram a aparecer e, ao que consta, são perfeitissimos, tal o esmero da imitação.

Cautela, pois, com esses *macanjos*...

Notas mundanas

Visitou-nos esta semana, quasi restabelecido da pertinaz doença de olhos que o acometeu, o sr. Manuel de Pinho Guerra, que se fazia acompanhar de seu filho, aluno do liceu.

✣ *Seguiu de novo para Tomar, o capitão de infanteria 15, Gaspar Ferreira.*

✣ *Chegou á sua casa de Nariz o sr. Guilherme Francisco Luizo.*

✣ *Tem estudo nesta cidade a sr.ª D. Amelia Santiago, de Segadães, irmã do digno administrador do concelho de Agueda, sr. Augusto Santiago.*

✣ *Continúa doente o snr. Barão de Cadóro.*

✣ *Consorciou-se ontem com a sr.ª D. Alexandrina Fonseca, galante e prendada filha do antigo advogado, snr. dr. Alexandre José da Fonseca, o snr. Alvaro Neves Fonseca, abastado proprietario do Porto.*

Um ridente porvir.

✣ *Esteve em Aveiro o snr. Humberto da Silva Luz, que brevemente parte para França a fazer serviço num dos corpos expedicionarios como alferes meliciano.*

✣ *A uso das aguas de S. Vicente, encontra-se nesta estancia termal, o sr. Antonio da Maia, acreditado negociante da nossa praça.*

Um crime

Dizem de Mira que no dia 13, á noite, foi assasinado com um tiro de espingarda quando regressava a casa, acompanhado de sua esposa, o cidadão Manuel Pinho, do logar da Corujeira, crime que pôz em alvoroço toda a população apenas dele houve conhecimento.

O autor da lamentavel ocorrencia chama-se Joaquim Ferreira ou Joaquim Carôlo, conta 19 anos de edade e é natural da proxima freguezia e logar de Esgueira, para onde veio fugido.

Depois de algum tempo de repouso, entregou-se voluntariamente á autoridade, tendo seguido para a cadeia de Mira requesitado pelo digno administrador daquele concelho, sr. João Maria de Miranda Roldão.

A umbéla

—=(*)=—

Do nosso excelente amigo sr. José Gonçalves Gamelas, recebemos a carta seguinte:

Meu caro Arnaldo

Sou eu que saio a terreiro para afirmar ao meu amigo que a umbéla *rica* a que se refere no seu *Democrata* de 15 do corrente, não aparecerá porque nunca existiu, quer no Museu, quer no extinto convento de Jesus, onde tudo era religiosamente g u a r d a d o. Uma muito uzada e dum tecido que nada se parece com o dos ricos paramentos da irmandade de Santa Joana, sim, existe e é a que serviu sempre nas festividades do culto.

Realmente é para estranhar que, havendo um pálio e mais paramentos duma beleza e riqueza extraordinarias, não houvesse uma umbéla que dissesse com os mesmos tecidos.

Eu fui vogal da irmandade de Santa Joana (bons tempos e tempos mais felizes), ha mais de 30 anos, e a tal umbéla *rica* nunca se viu. Condenou-se, porêm, tal lacuna mas, afinal, nunca foi preenchida.

Fique, pois, o amigo descançado, com a sua consciencia tranquila, que eu seria incapaz de pretender convence-lo do que não fôsse a expressão da verdade.

Louvo muito o seu cuidado e aconselho-o mesmo a que não deixe de continuar a ser *fiscal* de tantas poucas vergonhas que lavram por toda a parte. E' escabroso, bem sei, esse caminho, mas quem não quer, não faça por caír na alçada da pública critica.

Pela publicidade destas linhas se confessa muito grato o

Seu amigo
e correligionario republicano,

Aveiro, 18 | 6 | 1917.

José G. Gamelas

Ainda bem que o snr. José Gamelas apareceu a dar explicações sobre a umbéla de Santa Joana, porque se não fôra assim estâmos por certos que não faltaria quem atribuisse a culpa do seu pretenso desaparecimento aos *jacobinos*.

Se o facto de terem ido encontrar a Santa desprovida de roupas brancas, inclusivamente sem camisa, a eles e aos *pedreiros livres* foi imputado...

Gentilêsas...

—=(*)=—

Um pachorrento e curioso observador previne-nos que a *troupe* de bajuladores encarregada de incensar debaixo dos Arcos, no Bernardo, na Adega Social e no *orgão do P. R. P. em Aveiro* o chefe dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos* da Vera-Cruz enviou a este, marcado a lapis azul — lembrança de tempos idos — a ultima classificação que ái apareceu, com retrato, e pela qual se verifica que todos devemos obediencia a quem se convencionou chamar *figura de alto destaque da Republica!!!*

Houve por isso, acrescenta, um principio de... incendio nos espiritos do gentilissimo grupo porque, individualmente, todos queriam figurar como remetentes daquela *expontanea* classificação, mas por fim ficou resolvido que essa honra coubesse, em exclusivo, ao ex-juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira, com grande desapontamento de outros, tão bons e autenticos republicanos como ele.

De Lisboa, o agradecimento não se fez esperar. Já foi contemplado o nosso Bernardo, que no *orgão* dos *béras* apanha espiche de arromba, mas ao que consta o *chefe* não ficou lá muito satisfeito com as amabilidades dos correligionarios, pois lhes fez vêr a conveniencia de se não excederem em ditirambos daquela força porque já uma vez o *Mundo*, numa incensadela mais larga, lhe chamou *republicano desde os bancos da escola* quando a verdade em contrario lhe saíu, pouco depois, da bôca, falando em publico no Teatro Aveirense, ou seja no mesmo local donde viu os *soldados que partiam com os olhos rasos de lagrimas como num dia de sol a chover!!!*

Corre que a carta que acompanhou a *mimosa lembrança*—diznos ainda o pachorrento observador — depois de umas alegorias, como ornato, feitas pelo Zé, que tambem é amigalhaço dedicado, vai ser encaixilhada e posta em exposição no *Cysne da Arcada* com a seguinte quadra assinada por todos os membros do grupo:

O' carta adorada,
Por nós decorada,
Vais ser conservada
Qual mimo... d'amor!..

Ai, *patriotas* duma cana! Assim é que se governa a vida e tudo o mais são... *flutuações*...

A censura

Aos chefes de todos os distritos foi, pelo ministério do Interior, expedida a circular que abaixo segue e na qual se contém as novas instruções a observar por parte dos censores á imprensa, espalhados no país:

Para a censura preventiva dos periodicos e outros impressos e dos escritos ou desenhos de qualquer modo publicados se faça nos termos legais, encarrega-me o ex.mo ministro do interior de recomendar a v. ex.ª que faça observar na execução dêsse serviço as seguintes instruções:

Os censores não permitirão:

a) A publicação de tudo o que importe divulgação de qualquer boato ou informação que possam alarmar o espirito publico ou causar prejuizo ao Estado, tanto no que respeita á sua segurança interna e externa, como aos seus interesses em relação a nações estrangeiras, ou ainda aos trabalhos de preparação ou execução de defesa militar;

b) A publicação de qualquer desenho ou artigo que contenha ultraje ás instituições republicanas, injuria, difamação ou ameaça contra o présidente da Republica no exercicio das suas funções ou fóra dêle e injuria ou difamação dos membros do poder legislativo ou executivo;

c) A publicação de ofensa contra a pessoa de qualquer diplomata estrangeiro ou de sua familia, ou contra soberano ou chefe de nação estrangeira;

d) Qualquer publicação que importe ultraje á moral publica;

e) A de artigos redigidos em linguagem despejada e provocadora contra a segurança do Estado, da ordem e da tranquilidade publica;

f) A de artigos, escritos ou desenhos que aconselhem, instiguem ou provoquem os cidadãos portugueses ao não cumprimento dos seus deveres militares ou ao cometimento de actos atentatorios da integridade e independencia da Patria;

g) A de artigos, escritos ou desenhos que provoquem a qualquer crime determinado;

h) A de artigos, escritos ou desenhos favoraveis aos inimigos de Portugal, hostis aos aliados dêste ou que por qualquer fórma possam estorvar ou prejudicar a acção de Portugal na guerra contra os alemães.

Excluida sempre a publicação de noticias manifesta e seguramente falsas, e, sem embargo do que fica exposto, é licita a publicação:

de quaisquer noticias de caracter diplomatico, que possam ter ligação com a nossa intervenção na guerra, desde que sejam dadas pelo gabinete do ministerio da guerra;

de noticias referentes á nossa preparação naval, á defesa dos nossos portos, ao movimento de navios de guerra ou mercantes, nacionais ou estrangeiros, e a existencia ou operações de submarinos nas aguas portuguesas, se tais noticias tiverem sido dadas pelo gabinete do ministerio da marinha;

de noticias referentes a operações de guerra terrestre ou maritima nas colonias, se tiverem sido dadas pelo gabinete do respectivo ministro.

Será sempre permitida a publicação das comunicações oficiais ou oficiosas de qualquer ministerio; de conferencias ou entrevistas jornalisticas com os ministros; do relato das sessões parlamentares e de sessões publicas, ou decisões publicadas, dos tribunais, aplicando-se todavia aos comentarios de que estas publicações sejam acompanhadas o que acima se determinou.

A proveniencia oficial das noticias ou informações acima referidas, ou o assentimento das competentes estações oficiais á respectiva publicação serão, quando necessario, documentadas perante a comissão de censura ao ser-lhe apresentado o impresso, escrito ou desenho que as contém.

Será igualmente permitida a publicação de apreciação ou outras referencias á censura, desde que elas não sejam injuriosas, difamatorias, nem estejam claramente compreendidas nalguma das proíbições acima expressas.

As presentes instruções revogam todas as anteriores, salvo a que fez objecto da circular confidencial desta direcção geral de 28 de maio ultimo, e só poderão ser interpretados, ou esclarecidas na sua aplicação, por ordens ou indicações dimanadas de qualquer dos membros do govêrno.

Por este andar, daqui a pouco nem a alma se nos aproveita...

O TEMPO

Não póde correr melhor para a agricultura, tendo-a beneficiado imenso as ultimas chuvas.

Os lavradores acham-se por isso satisfeitos e com eles toda a gente deve exultar, tão prometedor se apresenta o ano que decorre.

Que a Providencia, ao menos, se amercie de nós.

Deveres do bom cidadão

—— DA ——

REPUBLICA

Sacrificar-se pela Pátria, pela Familia e pela Republica.

Exigir a máxima honestidade na administração pública.

Prestar-se, de bom grado, a ser soldado, eleitor, jurado e contribuinte.

Descobrir-se perante os simbolos da Pátria (a bandeira, o hino e o chefe de Estado).

Respeitar as leis e as autoridades.

Consagrar as glórias e as datas nacionais.

Divulgar a instrução e a verdade.

Ajudar a manter a ordem e a moral.

Trabalhar e economisar para prosperidade sua e da Pátria.

Proteger tudo o que seja português.

Ser hospitaleiro para com os estrangeiros.

Exigir uma justiça severa.

Abster-se de fazer ao Estado pedidos de interesse estritamente pessoal.

Ter por religião o bem, o dever e o respeito.

Acompanhar o progresso das mais nações.

Querer a defesa da Pátria e das colonias assegurada.

Manter o culto da honra politica e pessoal.

O sr. Bispo

Esteve efectivamente em Ilhavo no sábado e domingo, onde foi recebido com musica e foguêtes, o sr. Coelho da Silva, bispo desta diocese. A espera-lo, ao principio da vila, compareceram gradas pessoas da terra, devidamente encasacadas, tendo-se organisado um cortejo de irmandades, que o acompanhou á igreja coberto com o palio por causa... das moscas.

Ao lado deste, dizem-nos que iam alguns professores primarios, arvorados em cabos de ordem a afastar o povo, mas sem escopêtas, facto que deu logar a censuras pelo desproposito revelado, seguindo no coice do prestito enorme povoleu, ávido de gosar o espectaculo da recepção portas a dentro do templo onde se efectuou.

Houve, como dissémos, crisma e comunhão, espalharam-se estampas do Sagrado Coração de Jesus em miniatura e por fim o sr. bispo regressou a Coimbra, com escala pela *garage* Trindade & Filhos, onde se efectuaram as despedidas.

Ao contrario do que se esperava, da *nobre casa* da Vera-Cruz só o director do Moseu Regional se dignou comparecer.

Se os outros estão convertidos ao livre pensamento, *Flautas* e tudo...

NECROLOGIA

—=(*)=—

Faleceu no sabado preterito a sr.ª D. Tereza Cazares Paes, viuva do snr. José Paes, que largos anos viveu na provincia de Moçambique, onde adquiriu alguns bens de fortuna, e sogra do snr. José Augusto Fernandes, empregado do comercio.

* * *

De Nariz, freguezia pertencente a este concelho, veio-nos a triste nova de ter sucumbido aos estragos duma adeantada lesão cardiaca, a sr.ª D. Maria da Conceição Rocha, estremosa mãe da esposa do acreditado proprietario da casa de modas *A Elegante*, sr. Pompeu da Costa Pereira e do nosso coléga do *Clamor*, sr. Generoso da Rocha.

Era muito estimada, devendo-se a essa circunstancia ser geralmente sentida a sua morte.

* * *

Tambem no Porto, onde fôra sugeitar-se a uma intervenção cirurgica na casa de saude da Lada, deixou de existir a sr.ª D. Beatriz Tavares dos Santos, dedicada esposa do sr. Joaquim Gomes dos Santos. O cadaver da desditosa senhora, que apenas contava 44 anos e gosava das maiores simpatias pelos seus sentimentos caritativos, veio para Aguieira, concelho de Agueda, onde recebeu sepultura, tendo-o acompanhado ao cemiterio todos os habitantes da localidade numa sentida manifestação de despedida e reconhecimento jámais egualada.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

De tremer...

Lêmos no nosso coléga de Lisboa *A Manhã* que o sr. tenente-coronel Vasconcélos Dias, director da Manutenção Militar oficiou á secretaría do gabinête do ministerio da guerra pedindo que mandasse querelar, nos termos da respectiva lei em vigor, os jornais que publicassem palavras injuriosas ou difamadoras da sua dignidade, oferecendo as indemnisações que por tal motivo os tribunais vierem a arbitrar-lhe á Cruzada das Mulheres Portuguêsas.

Esta palafosice é mesmo de *ho-*

mem politico, politico republicano e republicano democratico... dos taes.

Sim. Porque o que naturalmente estava indicado era que o director da Manutenção Militar se justificasse das arguições que lhe são feitas, procedendo depois.

Todavia, cada um entende a logica a seu modo...

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 19

Foi muito concorrida a festa do Santo Antonio, de Serem, onde vale a pena dar um passeio para admirar o lindo parque do sr. Brandão Gomes.

= Choveu bastante, o que beneficiou consideravelmente a agricultura.

= O vinho está vingado. Se algum ataque de *mildio* o não destruir... alegrai-vos borrachões, que tereis vinho barato!

= Vão ser ceifados os trigos que devem render muito.

C.